

## O bebedouro do Largo da Ordem e a disputa identitária na capital paranaense

### The “Largo da Ordem” drinking fountain and the identity dispute in the capital of Paraná

Enviado em: 03/09/2020

Aceito em: 04/06/2021

**Sandro Cavalieri Savoia**<sup>1</sup>

**Felipe Borborema Cunha Lima**<sup>2</sup>

#### Resumo

Subjacente à relação Patrimônio, História e Turismo, esse estudo é proveniente da inquietação dos pesquisadores quanto a um conjunto de equipamentos urbanos e bens patrimoniais da capital paranaense, tomados em análise como território de disputas identitárias. Partindo da Linha Turismo e da Linha Preta a pesquisa objetiva analisar o Bebedouro do Largo da Ordem e seu papel na construção da imagem síntese de Curitiba. A metodologia adotada foi bibliográfica e documental, bem como foi realizado um trabalho de campo com visita aos pontos turísticos da cidade, a fim de se inserir no cenário da urbe curitibana e fazer uma coleta de registros escritos e fotográficos. Os resultados apontam que as disputas identitárias em torno dos vetores de memória nos mostram que tão expressivo quanto o ocultamento da presença negra quando da escrita da cidade é a visibilidade de seus bens patrimoniais associado a memória de outros imigrantes.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural, Disputas Identitárias, Turismo.

#### Abstract

Underlying the relationship between Heritage, History and Tourism, this study comes from the concern of researchers about a set of urban equipment and heritage assets in the capital of Paraná, considered in analysis as the territory of identity disputes. Starting from “Tourism Line” and “Black Line”, the research aims to analyze the “Largo da Ordem” drinking fountain and its role in the construction of the synthesis image of Curitiba. The methodology adopted was bibliographic and documentary, as well as fieldwork was carried out with visits to the city's tourist spots, in order to insert itself in the scene of the Curitiba city

---

1 Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE). Professor da rede pública estadual de ensino SEED/PR. Formado em História pela UFPR. Professor da rede pública estadual de ensino SEED/PR sandrosavoia@yahoo.com.br

2 Professor Colaborador do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE. Estágio Pós-Doutoral em Patrimônio Cultural e Turismo com bolsa PNPd/CAPES. Doutorado e Mestrado em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI. Bacharel em Turismo pela FACISA. felipebcl2@hotmail.com

and make a collection of written and photographic records. The results show that the identity disputes around the vectors of memory show us that as expressive as the hiding of the black presence when writing the city is the visibility of its patrimonial assets associated with the memory of other immigrants.

**Keywords:** Cultural Heritage, Identity Disputes, Tourism.

## **Introdução**

Curitiba é uma cidade singular no quesito planejamento urbano, de uma cidade de passagem, tornou-se em especial a partir da década de 1990, o décimo destino mais procurado do país, segundo a plataforma de viagens TripAdvisor (2018).

Tais transformações urbanas podem ser observadas, a partir dos estudos de Savoia (2019). Para o autor, elas iniciaram-se, em especial, no contexto da Comemoração dos 100 Anos da Emancipação Política do Estado, em 1953, na gestão do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, quando foram criados equipamentos urbanos como o Centro Cívico, a Praça Dezenove de Dezembro, a Biblioteca Pública e o Teatro Guaíra, por exemplo. Essas transformações posteriormente foram potencializadas pelo Plano Diretor de 1966 e pelas diretrizes de planejamento do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), que promoveram as grandes mudanças nas décadas precedentes na cidade, que já foi chamada de cidade modelo, capital ecológica, entre outros.

Segundo Savoia (2019), à frente da prefeitura nesse momento de criação das imagens-sínteses da cidade, estava o arquiteto Jaime Lerner que depois será sucedido, na década de 1990, por Rafael Greca. Pertencente aos quadros do IPPUC, Lerner comandará os trabalhos na Prefeitura Municipal de Curitiba, por três gestões (1971–74 / 1979–83 / 1989–92), imprimindo sua marca de prefeito inovador. Sob sua gestão foi implementado um plano diretor na cidade e feita a delimitação do Setor Histórico de Curitiba, em 1971. Também foram construídos equipamentos urbanos como calçadão de pedestres da Rua XV de Novembro, o primeiro do Brasil, em 1972; os

corredores exclusivos para os Ônibus Expresso, em 1974; a instalação dos Ônibus Ligeirinho e suas Estações Tubo, em 1991; o Jardim Botânico e a Rua 24 Horas também em 1991; a Ópera de Arame em 1992, entre outros. Essa transformação urbana por que passou Curitiba criou as imagens-sínteses da “cidade planejada” e “cidade modelo”.

No campo ambiental, Jaime Lerner foi responsável pela construção de inúmeros parques na cidade, o que o arquiteto e engenheiro civil Castelhou (2006) chamou de “parquismo”. Tais parques serviram à contenção de enchentes e transformaram-se em áreas de lazer na cidade. São marcas de sua gestão os Parques São Lourenço, Barreirinha, Barigui criados em 1972; Bosque do Papa e do Capão da Imbuia, respectivamente em 1980 e 1981; o Zoológico de Curitiba, em 1982; o Parque das Pedreiras e do Passaúna, em 1990 e 1991; os Bosques Reinhard Maack, Pilarzinho e Zaninelli, em 1989, 1991 e 1992, por exemplo. Além da Universidade Livre do Meio Ambiente (Unilivre), em 1992; e do Programa “Lixo que não é Lixo”, em 1989. Tais ações criaram por sua vez a imagem síntese da “capital ecológica”.

Seu sucessor, Rafael Valdomiro Greca de Macedo, prefeito por duas gestões (1993–96 / 2017–2020), deu continuidade às transformações urbanas de Curitiba, a exemplo do “parquismo”, com a construção de Parques como o Tinguí e o Tanguá, em 1994 e 1996; e os Bosques de Portugal, Italiano e Alemão, entre os anos de 1994 e 1996; entre outros. Também elaborou equipamentos urbanos como o Farol do Saber, em 1994; Memoriais como o Japonês, Ucraniano, Alemão, Árabe, Italiano e de Curitiba, entre os anos de 1993 e 1996, e mais recentemente o Memorial Inglês, em 2019. Tais obras acrescentaram um elemento étnico à imagem da cidade que enquanto imagem síntese passou a ser propalada como “cidade de primeiro mundo” e “capital de todas as gentes”.

Dentro desse contexto das transformações urbanas foi elaborada a Linha Turismo, construída na década de 1990 do século passado, na esteira da

formulação das imagens-sínteses da cidade e da política do *city marketing*<sup>3</sup> (SÁNCHEZ, 2001; CASTELNOU, 2006; MOURA, 2007) na capital paranaense.

A Linha Turismo demarcou o território da capital enquanto imagem desejada da cidade e imagem a ser transmitida. Em situação análoga, o antropólogo espanhol Delgado (2017), ao analisar o caso Barcelona, chama esse modelo de cidade mentirosa, espetáculo, logotipo, que transforma o espaço urbano num colossal *spot* publicitário, performático e redutor das diferenças, pois homogeneizador, mas não das desigualdades sociais.

Como crítica a esse modelo de cidade, excludente, performática e homogeneizadora, ativistas e pesquisadores ligados aos movimentos sociais, em especial ao Movimento Negro, propõem a criação da Linha Preta no ano de 2015. Enquanto leitura a contrapelo da escrita da cidade e de seu discurso oficial - então pautado nos valores civilizatórios europeus e na força da tradição do movimento identitário paranista<sup>4</sup> - a Linha Preta demarcará segundo o historiador Savoia (2019), um território de disputas identitárias na capital paranaense.

Dentro desse cenário maior proporcionado pela observação da Linha Preta em contraponto à Linha Turismo esta investigação propõe fazer um recorte destes roteiros turísticos de modo a traçar seu objetivo: analisar o Bebedouro do Largo da Ordem e seu papel na construção da imagem síntese de Curitiba.

O percurso metodológico adotado é qualitativo, de natureza exploratória e com coleta de dados através de instrumentos que triangularam a pesquisa bibliográfica, documental e inserção em trabalho de campo, com visita entre 2018 e 2019 aos pontos turísticos da cidade pertencentes ao roteiro da Linha Preta e suas sobreposições na Linha Turismo, a fim de se inserir no cenário da urbe curitibana e viabilizar a produção de registros fotográficos e através da observação posteriormente propiciar a transcrição em diário de campo.

---

3 Muito presente a partir dos anos 1990, essa política envolvia não apenas gestores locais, mas também organismos internacionais de financiamento como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) no jogo concorrencial das cidades.

4 Movimento intelectual e político surgido no início do século XX no Paraná, que teve Curitiba como seu epicentro.

Importante dizer que a opção pelo Bebedouro do Largo da Ordem não está relacionada a uma possível hierarquia entre os bens patrimoniais, referentes a seus valores monumentais, estéticos ou históricos, mas sim à possibilidade de análise alusiva à inquietação dos autores, quanto a essas disputas identitárias permearem também um bem patrimonial em específico, ou seja, para além de seu conjunto, como é o caso da Linha Preta.

### **O patrimônio cultural como território de disputas identitárias na capital paranaense**

Benjamin (2016, p.13), em suas teses sobre o conceito de História, afirma que “não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie”. Essa observação, em certa medida se aplica a Curitiba. Ao referenciar em seus equipamentos urbanos e bens patrimoniais as imagens-sínteses já citadas, os gestores da capital paranaense criam também os mitos da “capital de classe média” e da “cidade europeia”.

A política urbana que já vinha promovendo o afastamento da população mais pobre da cidade para a periferia e região metropolitana, naquilo que o antropólogo espanhol Delgado (2017) chama de “gentrificação dissimulada”, é constituidora dessa realidade. Logo, há um imbricamento entre as questões de classe e etnicidade em Curitiba, onde regiões de maior presença negra como a região metropolitana, também se constituem nas regiões mais pobres, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1– Dados socioeconômicos do IBGE / Curitiba e região metropolitana

Municípios	Índice da pobreza (%) 2003	Índice da pobreza subjetiva (%) 2003	Afrodscendentes (%) 2000	Afrodscendentes (%) 2010
Alm. Tamandaré	48,63	20,71	26,48	34,59
Araucária	41,92	16,66	19,79	30,29
Colombo	44,91	18,45	25,23	34,64
<b>Curitiba</b>	<b>31,71</b>	<b>11,60</b>	<b>13,78</b>	<b>19,71</b>
Fazenda R.G.	49,73	20,23	19,03	32,79
Itaperuçu	54,63	25,85	44,41	35,96
Pinhais	40,83	16,34	22,83	29,73
S.J. dos Pinhais	38,48	15,40	16,31	26,63

Fonte: adaptado de (SAVOIA, 2019).

A Linha Turismo será a coroação dessa imagem de cidade, e seu contraponto como dissemos será a Linha Preta, como sinaliza a fala a seguir:

Ao ligar diferentes pontos escolhidos a priori por técnicos e gestores da administração pública, uma linha turística torna-se um componente agregador da escrita da cidade e, como tal, é mais do que o simples traçado de um mapa. Sua produção narrativa nunca é neutra e imparcial. Enquanto caminho a ser percorrido pelo visitante, a linha turística quer reforçar a ideia e os sentidos que se quer passar do local visitado. É também de sua narrativa que a cidade pode virar cenário, potencializando e consolidando certas imagens-sínteses da urbe [...]. (SAVOIA, 2019, p.31).

A Linha Turismo tem sua gênese na terceira gestão Lerner, quando em 1990 surge a Linha Pró-Parques. Como o próprio nome sugere um ônibus do tipo “jardineira” passa a circular por sete parques da cidade (Passeio Público, Parque Barigui, Parque Bacacheri, Parque São Lourenço e Parque Barreirinha, além do Bosque Reinhard Maack e do Zoológico de Curitiba), numa época em que a cidade sustentava o título de “capital ecológica”.

Em 1994, um ano após a Comemoração dos 300 anos de Curitiba, Rafael Greca transforma a Linha Pró-Parques em Linha Turismo. Na

atualidade, a linha turística, por meio de seus 25 pontos constitutivos<sup>5</sup>, seus ônibus do tipo *double deck* e respectivos bens patrimoniais, apresenta o cenário de uma cidade performática e homogeneizadora, invisibilizando segmentos da sociedade que não condizem com seus mitos, em especial a população negra.

Essa imagem da cidade é herdeira do Paranismo, movimento intelectual e político do início do século XX, que segundo os historiadores Pereira (1996) e Szvarça (2004) contou, por exemplo, com artistas como João Turim, Languê de Morretes, Zaco Paraná, além do historiador Romário Martins, expoente paranista. Tal movimento identitário vê no imigrante o modelo civilizatório almejado ao estado, o ideal do “homem paranaense” devido às qualidades a ele atribuída de: trabalhador, morigerado, ordeiro e disciplinado.

Apesar dos autores anteriores discorrerem sobre esse movimento, em suas pesquisas, são os arquitetos e urbanistas Gonçalves Júnior et al. (1991), que afirmam que Curitiba promoveu na sua gestão urbana, o resgate de aspectos tradicionais ligados ao Paranismo. Principalmente quando da constituição de sua dimensão imaginativa (que agrega seu tratamento visual). Dimensão que se soma, segundo os autores as dimensões funcional e sensitiva da cidade.

Diante do cenário dessa cidade homogênea e homogeneizadora, sustentada nas imagens-sínteses e nos mitos da “capital de classe média” e da “cidade europeia” em especial, ativistas negros passam a reivindicar junto à Prefeitura Municipal de Curitiba, a ativação patrimonial de bens e sítios constitutivos de vetores da memória, história e cultura negra em Curitiba. Para a historiadora Zanirato (2016) e para o antropólogo espanhol Prats (1997), a ativação patrimonial é o processo de mobilização de valores atribuídos como formadores de um conjunto de referências e posto em ação por órgãos oficiais como o Estado. Ainda de acordo com Prats (1997, p. 27), “la naturaleza, la

---

5Praça Tiradentes, Rua das Flores, Rua 24 Horas, Museu Ferroviário, Teatro Paiol, Jardim Botânico, Rodoferroviária e Mercado MUNICIPAL, Teatro Guaíra e Prédio Histórico da UFPR, Passeio Público e Memorial Árabe, Centro Cívico, Museu Oscar Niemeyer, Bosque do Papa e Memorial Polonês, Bosque Alemão, Unilivre, Parque São Lourenço, Ópera de Arame, Parque Tanguá, Parque Tingui, Memorial Ucraniano, Portal italiano, Santa Felicidade, Parque Barigui, Torre Panorâmica e, por último, Setor Histórico.

historia y la inspiración creativa” são os referentes simbólicos que contribuem para potencializar essa ativação.

Assim, dentro desse embate identitário, surge a Linha Preta, proposta a partir de 2015 por segmentos dos movimentos sociais que não se viam contemplados na imagem da cidade, quando do seu processo de turistificação. Seu roteiro foi apresentado no II Congresso das/os Pesquisadoras/es Negras/os da Região Sul (Copene Sul), organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entretanto, apenas em 2018<sup>6</sup> é ativada e oficializada pela Prefeitura Municipal de Curitiba como linha turística<sup>7</sup>.

A Linha Preta é composta em sua maioria por bens patrimoniais próximos ao centro da cidade<sup>8</sup>. Alguns remetem ao século XIX, embora permanecessem invisibilizados como espécies de “fantasmas” da cidade. Com seus 21 pontos constitutivos<sup>9</sup>, a Linha Preta é formada por ruínas, igrejas, praças, ruas, estátuas, entre outros vetores de memória (Figura 1). Traz aspectos referentes tanto à materialidade desses bens patrimoniais, quanto à imaterialidade, uma vez que são portadores de formas de expressão, saberes e lugares sagrados da população afro-curitibana.

---

6O ano de 2018 marcou os 130 anos da abolição da escravidão, os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e os 30 anos da Constituição Cidadã. Em âmbito internacional vale menção a vigência das diretrizes do Decênio Internacional dos Afrodescendentes, propostas pela ONU para o período de 2015–2024.

7Nesse processo houve a importante participação do Centro Cultural Humaitá, também conhecido como Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira.

8Diferente da Linha Turismo, a Linha Preta pode ser percorrida a pé, com exceção à visita ao Memorial Africano que foi construído em 2010, na gestão do prefeito Luciano Ducci, no bairro do Pinheirinho.

9Ruínas de São Francisco, Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito, Memorial de Curitiba, Bebedouro do Largo, Largo da Ordem, Arcadas do Pelourinho, Praça Tiradentes, Água pro Morro, Praça Zacarias, Praça Dezenove de Dezembro, Praça Santos Andrade, Sociedade 13 de Maio, Memorial Africano, Gameleiras Sagradas, Museu Paranaense, Emiliano Pernetá, Voluntários da Pátria, Viaduto do Capanema, Engenheiro Rebouças, Museu de Arte Sacra e, por último a Catedral Basílica Menor.





Figura 1 – Roteiro Turístico Linha Preta. Fonte: LINHA PRETA, 2019.

Cabe ressaltar que a figura em questão, presente na página online da Linha Preta, além de divulgar os atrativos que constituem o roteiro, permite ao usuário obter informações prévias antes mesmo do início do passeio, isso ao alcance de um clique nos pontos numerados. Alguns desses 21 pontos estão inseridos na Linha Turismo, embora não se faça referência à presença negra nesses espaços, quando de sua visita. Isso ocorre, por exemplo com o Setor Histórico, onde encontra-se o Bebedouro do Largo da Ordem.

### O caso do Bebedouro do Largo da Ordem

De acordo com Fressato (2018), no *site* de divulgação da Linha Preta, a construção do bebedouro em pedras com uma bacia de ferro ao centro, num espaço de convivência onde a população negra foi majoritária até o século XIX, remete a meados do século XVIII, e tinha por finalidade abastecer os animais

de montaria na região. Essa localidade teria sido frequentada segundo o *site*, por inúmeros tropeiros negros, muitos dos quais retratados em aquarelas do artista Jean Baptiste Debret (Figura 2). O artista foi responsável também por um dos mais antigos registros visuais de Curitiba, onde é possível ver, do Alto do São Francisco, local que constituiu parte do Largo da Ordem, o casario do início do século XIX e um trabalhador negro exercendo seu ofício.



Figura 2 – Escravo negro conduzindo tropas na Província do Rio Grande (1823). Fonte: Guia Geográfico Curitiba, [s.d.].

O tropeirismo foi uma atividade econômica que marcou o surgimento de inúmeras cidades no Paraná, pontos de passagem das tropas que seguiam de Viamão no Rio Grande do Sul (Figura 2) a Sorocaba em São Paulo. O *site* faz menção a algumas delas como São José, Campo Largo, Lapa e Castro. Esta última teria sido marcada inclusive por uma revolta negra no ano de 1864, na fazenda Capão Alto, ponto de passagem dos tropeiros, quando “supostos novos donos” da fazenda teriam tentado vender os libertos da localidade como escravos. O episódio marcou, após inúmeras batalhas, a captura de alguns revoltosos que foram encaminhados para São Paulo e a fuga de outros que deram origem a comunidades quilombolas na região (FRESSATO, 2018).

Referência aos tropeiros e sua relação com o Largo da Ordem pode ser visto também em uma breve passagem da obra da poetisa Stella Leonardos, “Curitiba memorada”, publicada pela Fundação Cultural de Curitiba, na coleção Farol do Saber:

Adeus largo da poesia,  
Largo da Ordem que contas  
das histórias esquecidas  
da Curitiba ancestral  
- as dos tropeiros partidos,  
dos habitantes dos idos  
dessa gente que vivia  
do claro frescor da fonte  
nascida neste local.  
(CABASSA, 1996, p. 102)

Na fachada de um restaurante conhecido como “Espaço Carmela” localizado no Largo da Ordem, há também um painel em azulejos medindo 0,5 m de largura x 5 m de comprimento, do artista Poty Lazzarotto<sup>10</sup>. Datado de 1995, este painel é denominado “Tropeiro” (Figura 3). Nele pode ser visto os animais desses condutores se abastecendo de água no Bebedouro do Largo da Ordem, conforme descrição dos proponentes da Linha Preta. Infelizmente o painel encontra-se em péssimo estado de conservação.



Figura 3– Foto do Painel “Tropeiro”. Fonte:Os autores, 2019.

---

100 artista possui inúmeros painéis espalhados pela capital paranaense, alguns dos quais tombados pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Cepha) e reconhecidos como Patrimônio Cultural do Paraná em 2014. Em Curitiba há um roteiro turístico específico para se conhecer as obras do autor, chama-se “Poty by bike”.

No entanto, a parte as considerações dos proponentes da Linha Preta, o que se vê no cenário da cidade enquanto discurso oficial, quando o assunto é o Bebedouro do Largo da Ordem, é sua vinculação com a memória imigrante. Isso pôde ser constatado quando da investigação que realizamos em torno dos bens patrimoniais constitutivos da Linha Turismo.

No Portal Italiano construído na gestão Lerner (Figura 4), localizado no bairro gastronômico de Santa Felicidade, há por exemplo uma placa que faz referência aos imigrantes e seus carroções carregados de produtos a serem vendidos no centro da cidade de Curitiba<sup>11</sup>. Nessa placa pode ser lida os seguintes dizeres:

Esse Portal de Santa Felicidade simboliza os eternos ritos de passagem da gente que hoje compõe Curitiba. Significa a entrada para fazer a América no sonho dos oriundi. É sinônimo de uma folha de serviços dos imigrantes, na luta pelo ideal de vida melhor. E marca do **ir e vir dos carroções plenos de produtos da terra para a venda no centro da cidade em volta do Bebedouro do Largo da Ordem**. É memória de uma saga iniciada em 1878. É patrimônio da cidade.

[...] Este Portal é um marco para a comunidade italiana de Santa Felicidade, oferecido e construído pelo Banco Bamerindus do Brasil Sociedade Anônima, de junho a outubro de 1990. Inaugurado em 27 de outubro de 1990. (Sem grifo no original).



Figura 4– Foto do Portal Italiano. Fonte:Os autores, 2019.

11As regiões mais afastadas da urbe constituíam enquanto colônias, parte do chamado “cinturão verde de Curitiba”, região de abastecimento da cidade criado na segunda metade do século XIX, pelo então presidente da província, Adolfo Lamenha Lins (1845-1881).

Por sua vez, no centro histórico de Curitiba, no Largo da Ordem, também há um monumento denominado Fonte da Memória (Figura 5), construído na gestão Greca e conhecido popularmente como “Cavalo Babão”, faz referência à memória imigrante, relacionando-a com o Bebedouro do Largo da Ordem. Nele existe uma placa com a seguinte identificação:

A CIDADE, O TEMPO E O SONHO. Houve um tempo em que Curitiba despertava ao som do trote de **animais puxando carroções conduzidos por semeadores<sup>12</sup> imigrantes**. Traziam aos mercados da Cidade os frutos da terra ainda cobertos de orvalho. Vinham por entre pinheirais, nos velhos caminhos envoltos em véus de cerração. Hoje só cavalos de sonho vencem as barreiras da modernidade para, afinal, **matar sua sede no velhobebedouro do Largo da Ordem**. Para a memória da Cidade e do Sonho foi colocada aqui esta escultura docuritiba Ricardo Tod no mês demaio de1995 sendo prefeito Rafael Greca de Macedo. (Sem grifo no original).

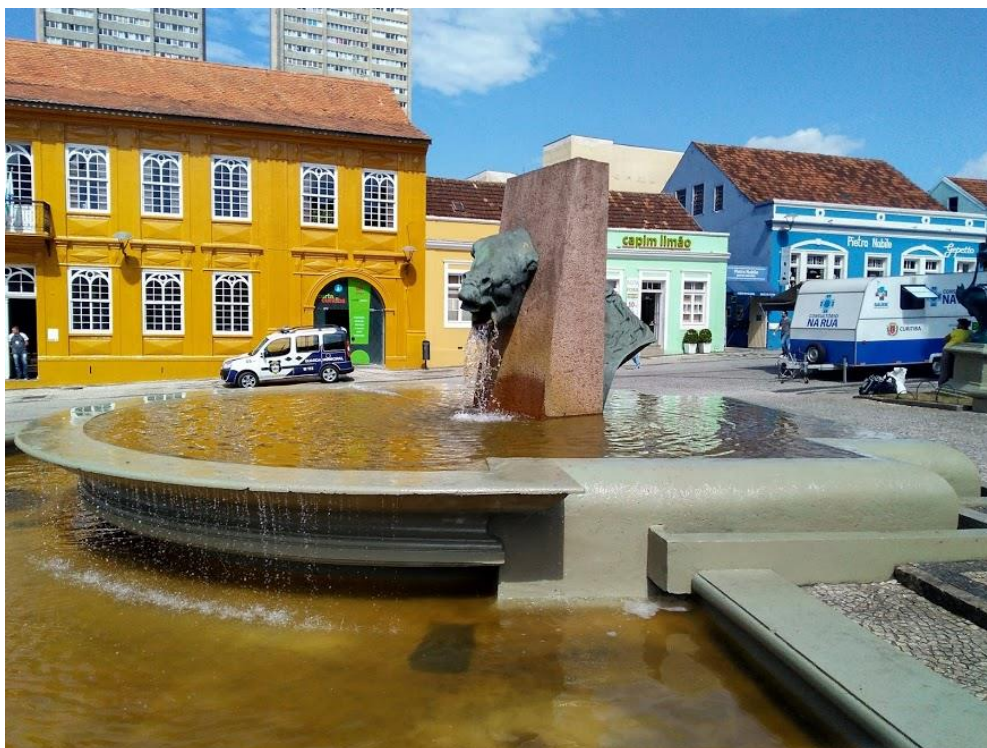


Figura 5 – Foto da Fonte da Memória. Fonte:Os autores, (2018).

Mas, isso não é tudo. Ainda no centro histórico de Curitiba, localizado na Travessa Nestor de Castro, a relação dos imigrantes europeus com o

---

12Possível referência a obra O Semeador, do paranista Zaco Paraná (1884-1961), presente da colônia polonesa a cidade quando da comemoração do centenário da independência do Brasil.

Bebedouro do Largo da Ordem aparece novamente, desta vez retratada no painel em azulejos do artista curitibano Poty Lazzarotto (Figura 6). O painel, de grande proporção, apresenta 8,70 m de largura x 22,40 m de comprimento. Na figura abaixo foi realizado um destaque, para melhor visualização da figura do imigrante e de seu carroção, junto ao bebedouro.



Figura 6 – Foto do Painel “Largo Coronel Enéas”. Fonte:Os autores, (2019).

Construído, na gestão Greca, no contexto da Comemoração dos 300 anos de Curitiba (1993), o painel “O Largo da Ordem”, apresenta ao observador, entre outras, a imagem de um imigrante conduzindo uma carroça de transporte de produtos agrícolas, conforme descrição do Portal Italiano (Figura 4) e da Fonte da Memória (Figura 5). Na gravura o animal de tração do chamado “carroção eslavo” está tomando água no Bebedouro do Largo da Ordem (Figura 6).

Na Torre Panorâmica de Curitiba, outro ponto constitutivo da Linha Turismo, há um painel de concreto de Poty Lazzarotto, em alto relevo, denominado “As Comunicações e a História de Curitiba” (1992), nele pode ser observado, entre outras coisas, uma imagem semelhante ao painel de azulejos “O Largo da Ordem”, isto é, a imagem de um cavalo puxando uma carroça e bebendo água no Bebedouro do Largo da Ordem.

Tais imagens convergem com o exposto no material publicitário do Instituto Municipal do Turismo de Curitiba (IMT), em especial, na “Coleção Roteiros Turísticos”. Nela, o “Roteiro Curta Curitiba a Pé” traz como sugestão à visita ao Largo da Ordem, seguida da seguinte informação:

O Largo Coronel Enéas, mais conhecido como Largo da Ordem, é a principal referência no Centro Histórico da cidade. No passado, foi palco dos pregões dos **colonos, que vendiam seus produtos, trazidos da periferia para o centro**. O antigo **bebedouro para animais usado naquela época ainda pode ser visto ali**. (IMT, 2019, grifo nosso).

Logo, como pode ser visto nos exemplos acima, enquanto vetor de memória, há uma vinculação do Bebedouro do Largo da Ordem (Figura 7) a memória imigrante, em especial a do final do século XIX e início do século XX. E é assim que ela tem sido apresentada enquanto parte do Centro Histórico de Curitiba e inclusa no itinerário da Linha Turismo. Próximo ao bebedouro, encontra-se entre outros bens patrimoniais, o Memorial de Curitiba, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, o Museu de Arte Sacra, a Casa Romário Martins, entre outros. Um pouco acima na topografia da região, ainda no Largo da Ordem, encontra-se entre outros bens, a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito. O Largo da Ordem, que tem como nome oficial Largo Coronel Enéas, é coração do Centro Histórico da capital paranaense.



Figura 7 – Foto do Bebedouro do Largo da Ordem. Fonte:Os autores, (2019).

Aos domingos o Bebedouro do Largo da Ordem compõe o cenário da Feira do Largo da Ordem<sup>13</sup>, cuja administração está sob responsabilidade do já citado Instituto Municipal de Turismo (IMT). Em 2018, os membros do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CMPC) aprovaram o registro da feira (que oferece a seus visitantes todo tipo de artesanato e produtos gastronômicos vendidos em barracões, além de livros e antiguidades, música ao vivo, teatro de rua, entre outras atrações), como patrimônio imaterial de Curitiba.

Apesar de sua importância no cenário da cidade, não parece haver uma preocupação por parte da Prefeitura Municipal de Curitiba com o debate em torno da origem histórica desse monumento, que para alguns foi reconstruído, portanto não seria o original, tão pouco com a vinculação dessa fonte d'água a presença negra em Curitiba, conforme pleiteia os proponentes da Linha Preta. Para estes últimos, enquanto território representativo da memória, história e cultura negra da capital, o Bebedouro do Largo da Ordem tem um valor

---

13A Feira já foi chamada de Feira Hippie, em decorrência de sua origem e características na década de 1970.



simbólico inestimável, pois remete à presença negra e se contrapõe a imagem oficial e excludente subjacente ao mito da “cidade europeia”.

Tencionando essa imagem oficial da cidade, chama atenção a foto de Daniel Rebello (Figura 8), que na mesma localidade retrata um protesto de umbandistas e candomblecistas contra a intolerância religiosa em Curitiba<sup>14</sup>.



Figura 8 – Manifestação contra a intolerância religiosa no Largo da Ordem. Fonte: TERREIRO DO PAI MANECO, (2017).

A fotografia retrata o momento em que praticantes das religiões de matriz afro-brasileiras estão de branco, na sua maioria de braços abertos, deitados no calçamento do centro histórico da cidade, tendo ao centro o Bebedouro do Largo da Ordem. A formação dos participantes lembra uma mandala, elemento que faz parte da tradição afro-brasileira e remete à

---

14Em 2019, em menos de um mês, dois centros religiosos de matriz africana foram incendiados na cidade, o que reacendeu o debate sobre a intolerância de crença na capital paranaense. Em Curitiba, o Centro Espírita Tempo Império da Rainha foi vítima de um incêndio criminoso praticado por dois homens no dia 24 de julho. Já o Terreiro de Umbanda das Marias foi destruído pelas chamas na madrugada do dia 01 de agosto. Outro episódio que merece registro foi a tentativa frustrada de um senhor de desferir golpes de faca nos participantes do ato contra a intolerância religiosa, ocorrido no dia 15 de setembro de 2019, no centro da capital, fato também noticiado pela imprensa.

circularidade, princípio fundante de vida na cosmovisão africana<sup>15</sup>, presente por exemplo, na dança, na roda de conversa e da capoeira, no ciclo da vida. Essa cosmovisão

reflete na concepção do universo, de tempo, na noção africana de pessoa, na fundamental importância da palavra e na oralidade como modo de transmissão do conhecimento, na categoria primordial da Força Vital, na concepção de poder e de produção, na estruturação da família, nos ritos de iniciação e socialização dos africanos e, é claro, tudo isso assentado na principal categoria da cosmovisão africana que é a ancestralidade (OLIVEIRA, 2006, p.72).

Assim, podemos dizer que a imagem referente a manifestação apresenta uma subversão advinda das vozes dissonantes em relação a imagem oficial da cidade, quando reivindica, simbolicamente, aquele espaço como território que remete a memória, a história e a cultura negra em Curitiba.

### **Considerações Finais**

Na análise da Linha Turismo e da Linha Preta de Curitiba, verificamos que o patrimônio cultural se tornou um território de disputas identitárias. Entretanto, para além do conjunto que constituem ambas as linhas turísticas na sua totalidade, observamos também disputas identitárias na sua particularidade, isto é, no interior da Linha Preta, como é o caso do Bebedouro do Largo da Ordem. Logo, foi a referida inquietação que nos impulsionou à observação mais atenta em torno desse bem patrimonial.

A partir de então foi possível constatar que a produção de identidades centralizadas nas cidades, por meio de seus bens patrimoniais, pode se adaptar aos interesses das elites locais, uma vez que, a política de produção de identidades requer uma institucionalização da memória, bem como uma institucionalização do esquecimento. Isso nos permitiu compreender que o ocultamento da memória negra em Curitiba, observada em torno do Bebedouro

---

15Sobre os elementos que compõem a cosmovisão africana, elementos estruturantes que seguem fundamentando as concepções de vida de africanos e de seus descendentes espalhados pelo mundo após a diáspora negra, ver: OLIVEIRA, 2006.

do Largo da Ordem, tornou-se tão importante no projeto de escrita da cidade, quanto a visibilidade desse patrimônio associada à memória imigrante, em especial quando se quis consolidar uma imagem específica da cidade, isto é, a da Curitiba “cidade europeia”.

A Linha Preta com seus 21 pontos constitutivos, entre eles o Bebedouro do Largo da Ordem, deve ser vista no conjunto da imagem da cidade não apenas como uma alternativa econômica ao turismo, mas como um direito a memória.

É como direito à memória que emerge a necessidade das chamadas memórias parciais e/ou setoriais, em contraposição a uma memória nacional ou regional consolidada e tida como a memória oficial. Sua ativação patrimonial dará ressonância às vozes dos invisibilizados da cidade e conseqüentemente alçará a representatividade daqueles que foram excluídos de seu discurso. No caso de Curitiba, possibilitará dar vida a bens patrimoniais até então constituídos em verdadeiros “fantasmas” na concepção da imagem da cidade e potencializará seus vetores de memória para além de uma memória imigrante.

Ao marcar a presença da história e cultura negras, esses bens patrimoniais, seja individualmente, como o Bebedouro do Largo da Ordem, seja no seu conjunto, como a Linha Preta, possibilitarão a quebra da visão homogênea e homogeneizadora que se formou em Curitiba quando da construção de suas políticas urbanas e culturais, em especial nas últimas décadas, como resultado do resgate de aspectos tradicionais da cidade ligados ao Paranismo e a política do *city marketing*.

O resultado desse novo olhar, formado a partir das disputas identitárias na capital paranaense, estão aí para serem auferidos nos próximos anos. Logo, a fim de obter a compreensão dessas tessituras que vão se construindo junto a uma cidade em movimento, se demandarão, certamente, novas pesquisas.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CABASSA, Stella Leonardos da Silva Lima. Até sempre. In: \_\_\_\_\_. **Curitiba memorada**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. Parques urbanos de Curitiba: de espaços de lazer a objetos de consumo. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 13, n. 14, p. 53-73, dez. 2006.

DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa: fraude y miséria del “modelo Barcelona”**. 3. ed. Madri: Catarata, 2017.

FRESSATO, Paola. Bebedouro do Largo. In: LINHA PRETA. Portal. **Linha Preta**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: abr. 2019.

GONÇALVES JÚNIOR, Antonio José *et al.* **O que é urbanismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA. Portal. **O bebedouro do Largo da Ordem**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/bebedouro.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

INSTITUTO MUNICIPAL DO TURISMO. Portal. **Roteiro curta Curitiba a pé**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiro-curta-curitiba-a-pe/1916>>. Acesso em: ago. 2019.

LINHA PRETA. Portal. **Linha Preta**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: abr. 2019.

MOURA, Rosa. O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba. **Turismo – Visão e Ação**, Itajaí, v. 9, n. 3, p. 341-347, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 2. ed. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da primeira república**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Ariel, 1997.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, 2001.

SAVOIA, Sandro Cavalieri. **Leituras da cidade: Linha Turismo e Linha Preta. O patrimônio cultural como território de disputas identitárias na capital paranaense (Curitiba, 1990-2018)**. 2019. 217f. Dissertação (Mestrado em

Patrimônio Cultural e Sociedade) – Univille, Joinville, 2019. Disponível em: <[https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1501559/Sandro\\_Cavalieri\\_Savoia.pdf](https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1501559/Sandro_Cavalieri_Savoia.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

SZVARÇA, Décio. **O forjador**: ruínas de um mito – Romário Martins. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

SENTIDOS DO VIAJAR. Painéis de Poty Lazzarotto no Paraná. **Sentidos do viajar**, 2019. Disponível em: <<https://sentidosdoviajar.com/paineis-de-poty-lazzarotto-no-parana/>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

TERREIRO DO PAI MANECO. Portal. **Momento histórico**. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/2017/11/20/momento-historico/>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

TRIPADVISOR. Portal. **TripAdvisor**. Disponível em: <<https://tripadvisor.com>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Patrimônio cultural e sustentabilidade: uma associação plausível? **Confluências Culturais**, Joinville, v. 5, n. 2, p. 200-211, set. 2016.

---

i